

Obras do autor publicadas pela Editora Record

1356

Azincourt

O condenado

Stonehenge

O forte

Tolos e mortais

Trilogia As Crônicas de Artur

O rei do inverno

O inimigo de Deus

Excalibur

Trilogia A Busca do Graal

O arqueiro

O andarilho

O herege

Série As Aventuras de um Soldado nas Guerras Napoleônicas

O tigre de Sharpe (Índia, 1799)

O triunfo de Sharpe (Índia, setembro de 1803)

A fortaleza de Sharpe (Índia, dezembro de 1803)

Sharpe em Trafalgar (Espanha, 1805)

A presa de Sharpe (Dinamarca, 1807)

Os fuzileiros de Sharpe (Espanha, janeiro de 1809)

A devastação de Sharpe (Portugal, maio de 1809)

A águia de Sharpe (Espanha, julho de 1809)

O ouro de Sharpe (Portugal, agosto de 1810)

A fuga de Sharpe (Portugal, setembro de 1810)

A fúria de Sharpe (Espanha, março de 1811)

A batalha de Sharpe (Espanha, maio de 1811)

A companhia de Sharpe (janeiro a abril de 1812)

Série Crônicas Saxônicas

O último reino

O cavaleiro da morte

Os senhores do norte

A canção da espada

Terra em chamas

EDITORA-EXECUTIVA

Renata Pettengill

SUBGERENTE EDITORIAL

Mariana Ferreira

ASSISTENTE EDITORIAL

Pedro de Lima

AUXILIAR EDITORIAL

Juliana Brandt

CAPA

Marcelo Martinez

IMAGEM DE CAPA

Ilustração de Kako

DIAGRAMAÇÃO

Beatriz Carvalho

TÍTULO ORIGINAL

Sword of Kings

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Cornwell, Bernard, 1944-

C835e

A espada dos reis [recurso eletrônico] / Bernard Cornwell ;
tradução Alves

Calado. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2020.
recurso digital (Crônicas saxônicas ; 12)

Tradução de : Sword of kings

Sequência de : A guerra do lobo

Continua com : War lord

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5587-144-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Calado, Alves. II.
Título. III. Série.

20-65998

CDD: 823

CDU: 82-3(410.1)

Camila Donis Hartmann – Bibliotecária – CRB-7/6472

Copyright © Bernard Cornwell, 2019

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil

adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000,

que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5587-144-9

Seja um leitor preferencial Record. Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br



A espada dos reis é dedicado a
Suzanne Pollak.

NOTA DE TRADUÇÃO

Como em toda a série, mantive a grafia original de muitas palavras e até deixei de traduzir algumas, porque o autor as usa intencionalmente num sentido arcaico, como Yule (que hoje em dia indica as festas natalinas, mas originalmente, e no livro, é um ritual pagão) ou burh (burgo). Várias foram explicadas nos volumes anteriores. Além disso, mantive, como no original, algumas denominações sociais, como “earl” (atualmente traduzido como “conde”, mas o próprio autor o especifica como um título dinamarquês — mais tarde equiparado ao de conde, usado na Europa continental), “thegn”, “reeve”, “ealdorman” e outros, que são explicados na série de livros. Por outro lado, traduzi “lord” sempre como “senhor”, jamais como “lorde”, que remete à monarquia inglesa posterior e não à estrutura medieval. “Hall” foi traduzido ora como “castelo”, ora como “salão”. “Britain” foi traduzido como “Britânia” (opção igualmente aceita, embora pouco usada) para não confundir com a Bretanha, no norte da França (Brittany).

SUMÁRIO



MAPA

TOPÔNIMOS

PRIMEIRA PARTE

Uma missão inútil

SEGUNDA PARTE

Cidade das trevas

TERCEIRA PARTE

O campo de cevada

QUARTA PARTE

Bafo de Serpente

NOTA HISTÓRICA

MAPA





0 10 20 30 milhas



AGRAFIA DOS TOPÔNIMOS na Inglaterra anglo-saxã era incerta, sem nenhuma consistência ou concordância, nem mesmo quanto ao nome em si. Assim, Londres era grafado como Lundonia, Lundenberg, Lundenne, Lundene, Lundenwic, Lundenceaster e Lundres. Sem dúvida alguns leitores preferirão outras versões dos nomes listados abaixo, mas em geral empreguei a grafia que estivesse citada no *Oxford Dictionary of English Place-Names* ou no *Cambridge Dictionary of English Place-Names* para os anos mais próximos ou contidos no reinado de Alfredo, de 871 a 899 d.C., mas nem mesmo essa solução é à prova de erro. A ilha de Hayling, em 956, era grafada tanto como Heilincigae quanto como Hæglingaiggæ. E eu próprio não fui consistente; preferi a grafia moderna Nortúmbria a Norðhymbraland para evitar a sugestão de que as fronteiras do antigo reino coincidiam com as do condado moderno. De modo que a lista, como as grafias em si, é resultado de um capricho.

ANDEFERA	Andover, Wiltshire
BASENGAS	Basing, Hampshire
BEBBANBURG	Bamburgh, Northumberland
BEAMFLEOT	Benfleet, Northumberland
CANINGA	Ilha Canvey, Essex
CEASTER	Chester, Cheshire
CELMERESBURH	Chelmsford, Essex
CENT	Kent
CESTREHUNT	Cheshunt, Hertfordshire
CIPPANHAMM	Chippenham, Wiltshire
COLNECEASTER	Colchester, Essex
CONTWARABURG	Canterbury, Kent
CYNINGESTUN	Kingston upon Thames, Surrey

CREPELGATE	Cripplegate, Londres
DUMNOC	Dunwich, Suffolk
EAST SEAX	Essex
ELENTONE	Maidenhead, Berkshire
EOFERWIC	York, Yorkshire (nome saxão)
FÆFRESHAM	Faversham, Kent
FARNEA, ILHAS	Ilhas Farne, Northumberland
FEARNHAMME	Farnham, Surrey
FERENTONE	Farndon, Cheshire
FLEOT, RIO	Rio Fleet, Londres
FUGHELNESS	Foulness, Essex
GLEAWECESTRE	Gloucester, Gloucestershire
GRIMESBI	Grimsby, Lincolnshire
HAMPTONSCIR	Hampshire
HEAHBURH	Castelo Whitley, Aston, Cúmbria
HEOROTFORDA	Hertford, Hertfordshire
HUMBRE, RIO	Rio Humber
JORVIK	York, Yorkshire (nome dinamarquês)
LIGAN, RIO	Rio Lea
LINDCOLNE	Lincoln, Lincolnshire
LINDISFARENA	Lindsfarne, Nortúmbria
LUDD, PORTÃO DE	Ludgate, Londres
LUPIAE	Lecce, Itália
LUNDENE	Londres
MAMECEASTER	Manchester
ORA	Oare, Kent
SCEAPIG	Ilha de Sheppey, Kent
SÃO CUTHBERT, CAVERNA DE	Caverna de Cuddy, Holburn, Northumberland
STRATH CLOTA	Reino no sudoeste da Escócia
SUDGEWEORK	Southwark, Londres
SWALWAN, ESTREITO DE	The Swale, Estuário do Tâmis
TEMES, RIO	Rio Tâmis
TOTEHAM	Tottenham, Grande Londres

TUEDE, RIO	Rio Tweed
WEALA, RIACHO	Walbrook, Londres
WERLAMECEASTER	St. Albans, Hertfordshire
WESTMYNSTER	Westminster, Londres
WICUMUN	High Wycombe, Buckinghamshire
WILTUNSCIR	Wiltshire
WINTANCEASTER	Winchester, Hampshire

PRIMEIRA PARTE



Uma missão inútil

O GYDENE ESTAVA DESAPARECIDO.

Não era o primeiro dos meus barcos a sumir. O mar violento é vasto e as embarcações são pequenas, e o *Gydene* — cujo nome significa simplesmente “deusa” — era menor que a maioria. Foi construído em Grimesbi, junto ao rio Humbre, e recebeu o nome de *Haligwæter*. Foi usado para pesca durante um ano antes que eu o comprasse. E, como eu não queria nenhum barco chamado *Água Benta* na minha frota, paguei um xelim a uma virgem para que mijasse na sentina, mudei o nome para *Gydene* e o entreguei aos pescadores de Bebbanburg. Eles lançavam as redes bem longe da costa, e, quando o *Gydene* não voltou num dia de vento forte e céu cinzento, em que as ondas quebravam brancas e altas nas pedras das ilhas Farnea, presumimos que tivesse naufragado e dado ao pequeno povoado de Bebbanburg seis viúvas e quase o triplo de órfãos. Talvez eu devesse ter deixado o nome em paz. Todo marinheiro sabe que se arrisca o destino ao mudar o nome de um barco, mas também sabe que o mijo de uma virgem previne esse destino. No entanto, os deuses podem ser tão cruéis quanto o mar.

Então Egil Skallagrimmrson veio da terra que eu havia lhe concedido, uma terra que formava a fronteira do meu território com o reino de Constantin da Escócia. Veio pelo mar, como sempre, e havia um cadáver no bojo do *Banamaðr*, seu barco-serpente, e explicou:

— Foi levado para terra firme no Tuede. É seu, não é?

— No Tuede? — perguntei.

— Na margem sul. Encontrei o sujeito num banco de areia. As

gaivotas acharam primeiro.

— Dá para ver.

— Ele era um dos seus, não era?

— Era.

O nome do morto era Haggar Bentson, pescador, capitão do *Gydene*, um sujeito grande, com uma enorme afeição por cerveja, cheio de cicatrizes depois de muitas brigas, um valentão que espancava a esposa e um bom marujo.

— Não se afogou, não é? — observou Egil.

— Pois é.

— E não foi morto pelas gaivotas. — Egil parecia achar isso divertido.

— É. Não foi morto pelas gaivotas.

Em vez disso, Haggar tinha sido retalhado até a morte. Seu cadáver estava nu e branco feito um peixe, a não ser pelas mãos e pelo que restava do rosto. Grandes feridas foram abertas na barriga, no peito e nas coxas; os cortes violentos lavados pelo mar.

Egil encostou uma bota num ferimento enorme que rasgava o peito de Haggar do ombro ao esterno.

— Eu diria que esse foi o golpe de machado que o matou — sugeriu. — Mas antes alguém cortou fora as bolas dele.

— Eu notei isso.

Egil se inclinou sobre o cadáver e forçou o maxilar inferior de Haggar para baixo. Egil Skallagrimmrson era um sujeito forte, mesmo assim precisou se esforçar para abrir a boca de Haggar. O osso estalou, e Egil se endireitou.

— Arrancaram os dentes também — avisou.

— E os olhos.

— Podem ter sido as gaivotas. Elas adoram um olho.

— Mas deixaram a língua. Pobre homem.

— Que jeito miserável de morrer — concordou Egil, depois se virou para olhar para a entrada do porto. — Só consigo pensar em dois motivos

para torturar alguém antes de matar.

— Dois?

— Para se divertir? Talvez ele tenha insultado os sujeitos. — Egil deu de ombros. — O outro é para fazer com que ele fale. Por que

outro motivo iam deixar a língua?

— Quem? Os escoceses?

Egil voltou a olhar para o corpo mutilado.

— Ele deve ter irritado alguém, mas os escoceses têm andado quietos. Não parece que foram eles. — Deu de ombros. — Pode ser alguma questão pessoal. Outro pescador que ele deixou com raiva?

— Não apareceu nenhum outro corpo? — perguntei. Havia seis homens e dois rapazes na tripulação do *Gydene*. — Nem destroços?

— Até agora só esse pobre coitado. Mas os outros ainda podem estar boiando por aí.

Não havia muito mais a dizer ou fazer. Se não foram os escoceses que capturaram o *Gydene*, presumi que tivesse sido um saqueador norueguês ou um navio frísio usando o clima do início do verão para enriquecer às custas dos arenques, dos bacalhaus e dos hadoques pescados pelo *Gydene*. Quem quer que tenha sido o responsável, o *Gydene* estava desaparecido, e eu suspeitava que os tripulantes sobreviventes tivessem sido postos nos bancos de remos de quem o havia capturado. E essa suspeita se transformou em quase certeza quando, dois dias depois de Egil me trazer o cadáver, o próprio *Gydene* chegou a terra firme ao norte de Lindisfarena. Era um casco sem mastro, que mal conseguia boiar enquanto as ondas o lançavam na praia. Não apareceram mais corpos, apenas o que restou do barco, que deixamos na areia, certos de que as tempestades de outono iriam despedaçá-lo.

Uma semana depois de o *Gydene* ter aparecido quebrado em terra firme, outro barco pesqueiro sumiu, este num dia sem vento, dos mais calmos que os deuses já fizeram. A embarcação perdida se chamava *Swealve*, e, como Haggar, seu mestre gostava de lançar as redes longe, no mar aberto, e fiquei sabendo do desaparecimento do *Andorinha* quando três viúvas chegaram a Bebbanburg, trazidas pelo padre da aldeia, um sujeito banguela chamado Gadd. Ele balançou a cabeça.

— Aconteceu... — começou.

— Aconteceu o quê? — perguntei, resistindo à tentação de imitar o sibilar do padre por causa da falta de dentes.

O padre Gadd estava nervoso, e não era de surpreender. Ouvi dizer que o sujeito fazia sermões lamentando que o senhor de sua

aldeia fosse pagão, mas, agora que ele estava cara a cara com esse pagão, a coragem havia desaparecido.

— Bolgar Haruldson, senhor. Ele é o...

— Eu sei quem é Bolgar — interrompi. Era outro pescador.

— Ele viu dois barcos no horizonte, senhor. No dia em que o *Swealve* sumiu.

— Existem muitos barcos, barcos mercantes. Seria estranho se ele não visse nenhum.

— Bolgar disse que eles foram para o norte, depois para o sul.

O idiota nervoso não estava fazendo muito sentido, mas no fim entendi o que ele queria dizer. O *Swealve* tinha navegado para o mar. E Bolgar, um homem experiente, viu onde ele desapareceu além do horizonte. Depois viu o calcês de dois barcos seguindo para o *Swealve*, parando durante um tempo e depois voltando. O *Swealve* estava depois da linha do horizonte, e o único sinal visível do seu encontro com as embarcações misteriosas eram os mastros indo para o norte, parando e depois indo para o sul, e esse não parecia o movimento de um navio mercante.

— Você devia ter trazido Bolgar — falei, depois dei prata às três viúvas e dois *pennies* ao padre por me trazer a notícia.

— Que notícia? — perguntou Finan naquela tarde.

Estávamos sentados no banco fora do salão de Bebbanburg, olhando por cima das fortificações do leste para o reflexo enrugado da lua no mar vasto. De dentro do salão vinha o som de homens cantando, gargalhando. Eram meus guerreiros, todos menos os vinte que vigiavam de cima dos nossos muros altos. Um vento fraco vindo do leste trazia maresia. Era uma noite calma, e as terras de Bebbanburg estavam em paz desde que atravessamos as colinas e derrotamos Sköll em sua fortaleza no alto um ano antes. Depois daquele combate terrível, achamos que os noruegueses tinham sido derrotados e que a região ocidental da Nortúmbria estava dominada. Mas viajantes traziam notícias do outro lado dos desfiladeiros altos de que os nórdicos continuavam vindo, com seus barcos-dragão chegando ao nosso litoral oeste, seus guerreiros encontrando terras. Mas nenhum norueguês se dizia rei, como Sköll fez, e nenhum atravessava as colinas para incomodar os pastos de Bebbanburg. Portanto, havia uma espécie de paz.

Constantin de Alba, que alguns homens chamam de Escócia, estava em guerra com os noruegueses de Strath Clota, comandados por um rei chamado Owain. Owain nos deixava em paz, e Constantin queria a paz conosco até conseguir derrotar os noruegueses de Owain. Era o que meu pai chamava de “paz escocesa”, o que significava que ocorriam invasões constantes e violentas para roubar gado. Mas sempre há invasões para roubar gado, e nós sempre retaliamos penetrando nos vales escoceses para trazer os animais de volta. Roubamos a mesma quantidade que eles, e seria muito mais simples se não houvesse ataques, mas em tempos de paz os jovens precisam aprender o ofício da guerra.

— A notícia é que tem saqueadores lá. — Acenei a cabeça para o mar. — E eles pegaram dois barcos nossos.

— Sempre tem saqueadores.

— Eu não gosto desses.

Finan, meu amigo mais próximo, um irlandês que lutava com a paixão da sua raça e a habilidade dos deuses, gargalhou.

— Sentiu um fedor?

Confirmei. Há momentos em que o conhecimento surge do nada, de um sentimento, de um odor que não pode ser cheirado, de um medo sem motivo. Os deuses nos protegem e nos fazem sentir aquela comichão repentina nos nervos, a certeza de que uma paisagem inocente esconde matadores.

— Por que iam torturar Haggar? — perguntei.

— Porque ele era um desgraçado mau, claro.

— Era mesmo — concordei. — Mas a coisa parece pior que isso.

— E o que o senhor vai fazer?

— Sair para caçar, é claro.

Finan gargalhou.

— Está entediado?

Não falei nada, o que o fez rir de novo.

— O senhor está entediado — acusou —, e só quer uma desculpa para brincar com o *Spearhafoc*.

E era verdade. Eu queria levar o *Spearhafoc* para o mar, por isso começaria uma caçada.

O *Spearhafoc* recebeu esse nome por causa dos pequenos gaviões

que faziam ninho nos bosques esparsos de Bebbanburg. E, como aqueles gaviões, era um barco caçador. Comprido, com o bordo livre baixo à meia-nau e uma proa desafiadora com a escultura de uma cabeça de gavião. Seus bancos acomodavam quarenta remadores. Foi construído por dois irmãos frísios que fugiram de seu reino e montaram um estaleiro nas margens do Humbre, onde fizeram o *Spearhafoc* usando bom carvalho e freixo da Mércia. Formaram o casco pregando onze pranchas longas em cada flanco da estrutura, depois ergueram um mastro de madeira macia de pinheiro da Nortúmbria, preso com cabos e sustentando uma verga de onde a vela pendia orgulhosa. Orgulhosa porque exibia meu símbolo, o símbolo de Bebbanburg, a cabeça de um lobo rosando. O lobo e o gavião, ambos caçadores e selvagens. Até mesmo Egil Skallagrimmson que, como a maioria dos noruegueses, desprezava as embarcações e os marinheiros saxões, aprovou de má vontade o *Spearhafoc*, dizendo:

— Se bem que, claro, ele não é de fato saxão, não é? Ele é frísio.

Saxão ou não, o *Spearhafoc* deslizou para fora do estreito canal do porto de Bebbanburg num alvorecer enevoado de verão. Há uma semana eu recebi a notícia do *Swealve*, havia uma semana que meus pescadores não se afastavam muito da costa. No litoral acima e abaixo, em todos os portos de Bebbanburg, havia medo. E assim o *Spearhafoc* partiu em busca de vingança. A maré estava subindo. Não ventava, e meus remadores eram fortes e bons, impulsionando o navio contra a correnteza e deixando uma esteira cada vez mais larga. Os únicos ruídos eram os rangidos dos remos nos toletes, a água batendo no casco, as ondas fracas na praia e os guinchos desolados das gaivotas acima da grande fortaleza de Bebbanburg.

Quarenta homens puxavam os remos compridos, outros vinte estavam agachados entre os bancos ou na plataforma da proa. Todos usavam cota de malha e estavam com suas armas, embora as lanças, os machados e as espadas dos remadores estivessem amontoados à meia-nau, junto com as pilhas de escudos. Finan e eu estávamos no pequeno convés do capitão.

— Deve ventar mais tarde — sugeriu ele.

— Talvez sim, talvez não — grunhi.

Finan jamais se sentiu confortável no mar e jamais entendeu

meu amor pelos navios, e só me acompanhou naquele dia por causa da perspectiva de combate.

— Embora seja provável que quem quer que tenha matado Haggar já tenha ido embora há muito tempo — resmungou enquanto saíamos do canal do porto.

— Verdade.

— Então estamos perdendo tempo.

— Sem dúvida. — O *Spearhafoc* estava levantando a proa nas ondas longas e mal-humoradas, fazendo Finan agarrar o cadaste de popa para se equilibrar. — Senta e bebe um pouco de cerveja.

Remamos para o sol nascente. À medida que o dia esquentava, um vento fraco surgia do oeste, uma brisa suficiente para deixar minha tripulação içar a verga até o topo do mastro e abrir a vela com a cabeça de lobo. Os remadores descansaram agradecidos enquanto o *Spearhafoc* cortava o mar que ondulava preguiçosamente. A terra estava perdida na névoa atrás de nós. Havia junto às ilhas Farnea duas pequenas embarcações de pesca, mas, depois de adentrarmos mais o oceano, não vimos mastros nem cascos, e parecíamos estar sozinhos num mundo enorme. Na maior parte do tempo eu podia deixar a esparrela roçar na água enquanto o barco nos levava devagar para o leste, com vento suficiente apenas para enfunar a vela pesada. A maioria dos meus homens dormia enquanto o sol subia cada vez mais.

Tempo de sonho. Era assim que eu pensava que devia ter sido Ginnungagap, o vazio entre a fornalha do céu e o gelo abaixo, o vazio em que o mundo foi feito. Navegávamos num ermo cinza-azulado em que meus pensamentos perambulavam lentos como o navio. Finan estava dormindo. De tempos em tempos a vela desenfunava quando o vento diminuía, depois enfunava outra vez com uma pancada seca do retorno da brisa. A única prova de que estávamos nos movendo era a ondulação suave da esteira do *Spearhafoc*.

E naquele vazio eu pensava em reis e na morte, porque Eduardo ainda vivia. Eduardo, que se intitulava *Anglorum Saxonum Rex*, rei dos anglos e dos saxões. Ele era rei de Wessex, da Mércia e da Ânglia Oriental, e ainda vivia. Havia ficado doente, tinha se recuperado, ficara doente de novo, então os boatos diziam que